

Sobre o Argumento da Homologia

Por **Hunter Cornelius**

Uma vez discuti dois evolucionistas no campus da Universidade de Cornell. Nesse debate, plantei vários problemas fundamentais com a teoria evolutiva. Os problemas que assinalei caíram em duas grandes categorias: processo e padrão.

Na última categoria, notei que o argumento fundamental para a evolução da homologia falhou miseravelmente. Infelizmente, esse fracasso foi ignorado e não foi abordado pelos professores da evolução. Talvez pelo caso de Warren Allmon não ter participado. Allmon, diretor da Instituição de Pesquisa Paleontológica (PRI) da Universidade Cornell, pensou mais profundamente sobre o argumento de homologia do que a maioria dos evolucionistas. Agora, em 2018, ele publicou, juntamente com o professor adjunto Robert Ross, um novo artigo, "[Remanescentes evolutivas como evidência amplamente acessível de evolução: a estrutura do argumento para aplicação à educação evolutiva](#)". O artigo, na revista *Evolution: Education & Outreach*, contém uma concessão muito importante.

Como é típico, o novo artigo de Allmon/Ross possui vários erros científicos sérios, seja por meio da ignorância, negação, viés de confirmação, seja o que for. O artigo também se baseia em reivindicações e argumentos fortemente religiosos, o que novamente é típico.

Nas postagens futuras, abordarei as especificidades no documento Allmon/Ross. Mas, o mais importante, o artigo apresenta algo novo. Demora e dá várias voltas, mas no final, Allmon e Ross reconhecem, pelo menos um pouco, a presença da religião no pensamento evolutivo. Para remediar isso, eles diminuem a importância do argumento da homologia.

Na sua forma canônica, esse argumento fundamental revela evolução pelo processo de eliminação. Ou seja, refuta o design e a criação independente, deixando a evolução naturalista, de uma forma ou de outra, como a única solução. Um agente inteligente não teria criado esses "projetos ruins", de acordo com os evolucionistas, então os projetos devem ter surgido naturalmente. Como de costume, é a religião que proporciona a certeza. Isso não é ciência.

Em vez de negar esse fato óbvio (veja [aqui](#) para exemplos de tal negação), Allmon e Ross finalmente o admitem (depois de apelar repetidamente) e procuram reformular o argumento da homologia sem religião. Eles fazem isso da seguinte maneira.

Ao invés de alegar que um agente inteligente não criaria homologias não ótimas (como as estruturas vestigiais), Allmon e Ross seguem a afirmação de dizer simplesmente que um agente inteligente não precisava criar tais homologias. Um agente inteligente poderia ter feito isso de forma diferente. Allmon e Ross então contrastam isso com a descendência com modificações que,

segundo eles, necessariamente teriam resultado em tais homologias.

Então você tem Teoria A (design) que pode acomodar a observação X ou $\sim X$ (não X). E você tem Teoria B (evolução) que requer observação X e não pode acomodar $\sim X$. Nossa observação de X, portanto, torna a Teoria B mais provável.

Observação: Quanto mais específica a asserção, mais ela é forte como argumento de probabilidade.

Os leitores saberão que existem problemas enormes com esse argumento. Ele falha logo no início. E vou discutir essas falhas no futuro. Mas antes de chegar a isso, é importante entender as implicações do argumento, mesmo sem problemas.

Na tentativa de salvar a teoria, o que Allmon e Ross fizeram é fornecer uma enorme concessão. O que, tradicionalmente, foi uma prova de evolução em livros didáticos, indiscutível, agora se torna um termo Bayesiano menor, melhorando ligeiramente a probabilidade de evolução.

Esta é uma grande concessão, neutralizando o argumento fundamental para a evolução. Por que alguém deveria acreditar na afirmação "heróica" de que o mundo biológico surgiu por si só se o argumento mais forte simplesmente aumentar a sua probabilidade por algum montante não especificado?

Com o design "refutado" (como assumiam antes), a evolução tinha que ser verdade, não importa quantos problemas tivesse. Mas com a reformulação de Allmon e Ross, o design não é refutado. Agora a vantagem para a evolução não é que a alternativa seja falsa ou mesmo altamente improvável, mas que a alternativa não especifica o que observamos, enquanto a evolução especifica. Allmon e Ross concluem triunfalmente que a sua nova formulação é um poderoso argumento para a evolução. Eles aparentemente pensam que esta reformulação é meramente um ajuste menor, e que seu novo argumento é tão forte quanto o argumento tradicional. Não é.

Não existe almoço grátis. O que Allmon e Ross não entendem é que este é um argumento muito mais fraco.

O segundo fracasso da solução de Allmon e Ross é que nunca se livrou da religião como esperavam. Allmon e Ross assumem ingenuamente que a afirmação de "Deus pode ou não criar essas homologias" é meramente um fato óbvio. Este é um assunto profundo em que Allmon e Ross se precipitaram, mas basta dizer que não é absolutamente claro que Deus possa criar qualquer mundo. Leibniz, sem dúvida, não concordaria. O polímata luterano argumentaria que, por causa de Sua perfeição e outros atributos, Deus não pode simplesmente criar qualquer mundo antigo. A linha inferior, sobre a qual Allmon e Ross são maravilhosamente ingênuos, é isso ou não, as afirmações sobre Deus são religiosas.

Nem apenas Allmon e Ross percebem completamente e expõem o argumento de homologia, eles, de fato, agora derrubaram a teoria evolutiva. Lembre-se, com a sua reformulação, torna-se

absolutamente crucial que a evolução preveja o que observamos. Em outras palavras, a evolução deve prever o padrão de semelhanças e diferenças que observamos em toda a espécie. Isso ocorre porque sua nova formulação foi que, embora o design possa explicar um padrão como o de descendência comum ou outros padrões, a evolução restringe ao padrão de descendência comum.

Com isso, os dois epicuristas treinados pela Harvard apenas explodiram inadvertidamente a evolução. Isso ocorre porque o que realmente observamos não é o padrão de descendência comum.

As comparações reais entre as espécies contradizem repetidamente o padrão de descendência comum. Não é, como documentamos tantas vezes, nem mesmo aproximada. Se a evolução prevê o padrão de descendência comum, então, por *modus tollens*, a evolução é falsa.

Observação: Um texto que aborda anomalias categóricas é [As Árvores Informacionais da Vida](#), que apresenta um "caminho evolutivo" distinto pela análise de microRNAs.

Tradução dos seguintes textos na ENV:

Warren Allmon on the Argument from Homology

[\(Acessar\)](#)

Two Evolutionists Inadvertently Demolish Evolution

[\(Acessar\)](#)

...